

cherches historiques. VIe section. Coleção "Affaires et gens d'affaires".

Geralmente ignora-se que o Antigo Regime utilizou-se da Estatística de maneira bastante precisa. Muitos inquéritos industriais, bem minuciosos, foram organizados. Este livro é a publicação duma pesquisa efetuada em 1772, a pedido do Abade Terray, sobre a indústria siderúrgica. Ela nos fornece indicações muito precisas sobre todas as empresas metalúrgicas da França. Situação, produção, nome dos proprietários e das modalidades da exploração, são exatamente indicados. Temos, pois, aí uma amostragem da indústria metalúrgica no fim do reinado de Luís XV que nos desperta um grande interesse. Se todos os dados dessa pesquisa, dispersa através da França, não podem ser encontrados, possuímos entretanto, resposta para um grande número de regiões das mais interessantes a esse respeito. Esse documento prestará grandes serviços a todos aqueles que se interessam pela história econômica e mesmo pela história local.

E. S. P.

*

GOULART (José Alídio). — **Tropas e tropeiros na formação do Brasil**, ed. Conquista, Rio de Janeiro, 1961, 268 págs.

Em ampla pesquisa documental e bibliográfica o autor coligiu circunstanciadas informações que jaziam na correspondência oficial, em assentamentos contábeis de fazendeiros de antanho, em relatos de viajantes estrangeiros e nas obras de escritores que, tratando do tema, não tiveram, todavia, as ambições deste livro, como foi o caso de Pandiá Calógeras, Hugo de Carvalho Ramos, Alfredo Ellis Júnior, Hélio Vianna, Afonso Arinos e outros mais.

E', assim, válido este trabalho, sobretudo pela sistemática do assunto.

Servindo, no espaço de séculos, às grandes economias cíclicas, como, também, à circulação interna da riqueza de subsistência, as tropas acabaram por constituir um organismo econômico ancilar na medida das requisições de transporte, principalmente dos centros mineradores, que representavam grande poder aquisitivo, e em épocas mais recentes, da cafeicultura sulina (Rio e São Paulo).

Não obstante, sentimos que na viação brasileira do período colonial, os cargueiros, como indústria comercial de transportes, ainda que diretamente ligados, no seu aparecimento, ao ciclo da mineração, sucederiam por si, isto é, independentes aos grandes ciclos, mas condicionados simplesmente ao comércio regional (Sul, Leste e Centro-Oeste) e à articulação entre os centros produtores e consumidores.

A integração da campanha sulina ao complexo econômico colonial se fez através do Rio Grande do Sul, particularmente, pois lá se localizou, desde logo, o maior centro criador e reprodutor de gado muar. As tentativas que, posteriormente, tiveram lugar em ou-

tras regiões, como Minas, para a criação de bÊstas, não alcançaram os índices do Sul.

O intenso trânsito de animais se fazia através da longa estrada que unia o Território das Missões e Pôrto Alegre a Sorocaba, onde ficava a famosa **feira de burros**, cuja colorida descrição está inserta em uma obra hoje difícil de ser encontrada (F. L. d'Abreu Medeiros, **Curiosidades Brasileiras**).

Em um país de desmedidas distâncias, cujos contrastes orográficos não podiam ser subestimados diante da precariedade dos caminhos que, chegando a ligar quase todo o país, o faziam, entretanto, com aquela imperfeição minuciosamente estudada por Capistrano, crescendo-se, ainda, a escassez de tipos de transportes utilizáveis ou disponíveis, os cargueiros, apesar dos seus inconvenientes, suplantaram, durante séculos, outros veículos ou meios de transporte, como o escravo, que se lhe não podia comparar em resistência, segurança, capacidade de carga e até mesmo pontualidade, e o carro-de-boi, válido nas planuras e caminhos largos.

Apenas nas regiões de rede hidrográfica navegável, os cargueiros cederam lugar aos barcos, veículos menos onerosos e mais rápidos.

Na economia paulista, mostra-nos o autor, que o chamado "ciclo do luar" ofereceu dois aspectos, ambos comerciais, o do mercado de vendas e o transporte dos produtos.

Ganhou, assim, São Paulo, duplamente, pois se serviu do luar para escoamento das safras de açúcar e café, e serviu de intermediário entre criadores e tropeiros, promovendo a subida dos animais que pagavam tributo no pÔsto fiscal de Curitiba (a essa época terra paulista) e na feira de Sorocaba.

Ao longo das páginas dêste livro é possível conhecermos as características das tropas, a vida itinerante dos cargueiros, o trato da carga, os pousos, o tropeiro e a sua indumentária, a dieta alimentar, costumes, ajudantes, etc.

Com êsse mesmo objetivo restaria ao autor o estudo da zona de criação, em todo o conjunto de elementos que determinaram a intensa pecuária que ali se desenvolveu: processos de criação, pastoreio, seleção, aproveitamento, capitalização, rentabilidade, nível de vida, etc.

Sem êste estudo, que acreditamos não ter sido feito pelos que têm tratado do assunto, padece a amplitude enciclopédica que se pretendeu dar ao tema dêste livro.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

A NOVA AFRICA (vários autores). Planejamento e organização de João Alves das Neves. Coleção "Mundos Novos", Editôra Anhembi, São Paulo, 1961.

"De um extremo a outro da terra, os negros, separados pelas línguas, pela política e pela história dos seus colonizadores, têm em comum uma memória coletiva".

Jean Paul Sartre ("Orphée Noir").